

3

DERIVAÇÃO IMPRÓPRIA E CONVERSÃO CATEGORIAL

A mudança categorial de palavras pode acontecer sem a adição de um afixo. Tradicionalmente este processo é chamado de derivação imprópria. No entanto, na Teoria Morfológica contemporânea, costuma-se chamá-lo de conversão categorial. Neste capítulo veremos as propostas tradicionais e as abordagens lexicalistas de Lemle e de Basilio em relação a este fenômeno.

3.1

Abordagens Tradicionais

O fenômeno da derivação imprópria é, via de regra, incluído entre os demais processos de formação de palavras na tradição gramatical. No entanto, alguns autores como João Ribeiro (1933) e Said Ali (1964) dizem que não se deve considerá-lo desta maneira, uma vez que não há modificação na estrutura da base do processo de formação. Said Ali e Cunha & Cintra (2001), por exemplo, afirmam tratar-se de um fenômeno semântico, e não morfológico.

Assim, Cunha & Cintra (2001: 104) definem o processo de derivação imprópria como “o processo de enriquecimento vocabular pela mudança de classe das palavras”. A questão da derivação imprópria é tratada de maneira sucinta, conforme podemos observar a seguir:

As palavras podem mudar de classe gramatical sem sofrer modificação na forma. Basta, por exemplo, antepor-se o artigo a qualquer vocábulo da língua para que ele se torne um substantivo.

Assim:

Ele examinou **os prós** e **os contras** da proposta.

Esperava **um sim** e recebeu **um não**.

A observação feita por Cunha & Cintra acerca da formação de substantivos por derivação imprópria é, no entanto, problemática no que tange aos

casos de adjetivos com carga pejorativa (ou, talvez, com carga emotiva), os quais podem ser precedidos de artigo e preservar sua categoria gramatical, tal como podemos atestar nos exemplos fornecidos por Basilio (2008: 18):

(6) Cruzei com Pedro na rua, mas o *desgraçado* fingiu que não me viu.

O mesmo fenômeno ocorre com adjetivos que não possuem carga emotiva, mas que, entretanto, assumem essa condição ao serem precedidos de artigo, conforme atesta o exemplo a seguir:

(7) Pedi auxílio a Pedro, mas o *honesto* não podia me ajudar.

Adjetivos com carga pejorativa também podem aparecer em construções tais como “O [X]_{Adj} do [X]_N”:

(8) O miserável do Pedro, a burra da Maria, o desgraçado do porteiro⁸.

Nos casos acima, os adjetivos precedidos de artigo não se tornam substantivos, preservando, desse modo, a função e concordância próprias de adjetivos. Acreditamos, assim, que a anteposição do artigo a qualquer vocábulo da língua não basta para torná-lo um substantivo, de modo que o fenômeno da substantivação não está condicionado apenas às relações sintáticas de co-ocorrência, mas também a fatores semânticos.

3.2

Abordagens Lexicalistas

⁸ Algumas construções desse tipo podem ter duas possibilidades de leitura. Além da leitura atributiva, há também a leitura possessiva. Nesse caso, em “a burra da Maria”, por exemplo, burra não caracterizaria o substantivo *Maria*, de maneira que estaríamos nos referindo a um animal – *uma burra* – que pertenceria à Maria.

Veremos a seguir duas abordagens elaboradas respectivamente por Lemle e Basilio para lidar com o fenômeno da mudança de classe dentro da hipótese lexicalista.

3.2.1

A Proposta de Lemle

A questão da mudança de classe, ou conversão categorial, é analisada por Lemle (1981) sob o viés da Hipótese Lexicalista, com a proposta de uma regra de nominalização de adjetivos. Nessa visão, torna-se possível estabelecer uma correspondência entre um adjetivo e um substantivo de formas idênticas, de modo que o sentido do substantivo seria “um amálgama dos sentidos do adjetivo correspondente com o sentido de algum nome”.

Com efeito, a proposta de Lemle nos possibilita estabelecer generalizações a fim de que possamos distinguir substantivos que apresentam todas as propriedades típicas de substantivo, ou seja, que podem ser usados em todas as instâncias em que um substantivo pode ser utilizado, de casos de sintagmas nominais elípticos. Assim, nos exemplos

(9) Preciso de um *rico* para fazer uma entrevista.

O escoteiro ajudou a *idosa* a atravessar a rua.

(10) A jornalista entrevistou um homem pobre e um *rico*.

Entrevistei uma menina americana e uma *inglesa*.

é possível distinguir dois casos distintos, na medida em que em (9) temos dois casos de substantivação e em (10) temos adjetivos que fazem referência aos sintagmas nominais *homem* e *menina*. No caso de (10), temos um exemplo de “projeção do nome nuclear do sintagma antecedente para a posição vazia no sintagma elíptico” (Lemle, 1981: 89). Dessa forma, o núcleo do sintagma *homem pobre* (homem) é projetado para o sintagma *homem rico*, no qual ocorre a elipse do substantivo ‘homem’. Lemle correlaciona os casos vistos em (9) e (10), de

maneira que o fenômeno da nominalização deadjetival seria fruto da existência da regra de projeção do núcleo do sintagma antecedente para a posição vazia no sintagma posterior.

3.2.2

A Proposta de Basilio: Substantivação Plena e Substantivação Precária

Basilio (1982) apresenta uma proposta a fim de dar conta dos casos de flutuação categorial do português em uma abordagem lexicalista. A autora distingue dois níveis de conversão: a substantivação plena e a substantivação precária. Temos a substantivação plena quando um adjetivo apresenta todas as propriedades semânticas, sintáticas e morfológicas de um substantivo. Nos casos de substantivação precária, a utilização de adjetivos como substantivos fica restrita a contextos específicos.

Ademais, Basilio estabelece dois grupos distintos de adjetivos: adjetivos que caracterizam substantivos referentes a seres humanos e adjetivos que caracterizam substantivos referentes a entidades não humanas. Com vistas a analisar os dois grupos de adjetivos, a autora propõe a construção de um teste para a verificação das possibilidades de uso de adjetivos em posição de substantivos. A partir da utilização do teste, poderíamos identificar quais adjetivos assumem todas as propriedades de substantivo, ou seja, quais adjetivos se convertem em substantivos plenos.

O teste consiste na criação de frases que verificam a possibilidade de ocorrência de adjetivos como substantivos. Assim, os adjetivos são testados diante de diversos tipos de determinantes, como pronomes demonstrativos, artigos definidos e indefinidos. Além disso, são testados em posições sintáticas próprias de substantivos, tais como núcleo de sintagmas nominais, como complemento e núcleo de sintagmas preposicionados. Com respeito às características semânticas, verifica-se sua condição como designador de seres ou entidades. No tocante às características morfológicas, observa-se a possibilidade de flexão de número e gênero.

No entanto, é a interpretação semântica que é tida como ponto fundamental para a distinção entre adjetivos e substantivos. Podemos verificar interpretações distintas nos exemplos a seguir:

(11) O policial cumprimentou o *idoso*.

(12) A professora entregou a prova ao *bonito*.

Em (11) e (12) temos dois adjetivos referentes a indivíduos humanos. Entretanto, somente em (11) temos a interpretação plena do substantivo. Entende-se que *idoso* não é, portanto, referente a qualquer indivíduo que é idoso, tratando-se, pois, de um indivíduo específico que tem por característica o fato de ser idoso. Na frase (12), *bonito* não é interpretado da mesma maneira que *idoso* no exemplo anterior. A interpretação que fazemos de (12) é de que a professora, dentre vários indivíduos, entregou a prova ao que era *bonito*. Assim, o adjetivo *bonito* é entendido como um adjetivo referente a um substantivo elíptico. É possível identificar ainda outros contextos em que a utilização do adjetivo em posição substantiva não é possível como em:

(13) * Já vi este *bonito* em algum lugar.

* Era uma vez um *bonito* que gostava de ler.

A autora verificou que a ocorrência de adjetivos como substantivos plenos é bastante limitada, de maneira que em apenas 20% dos casos (dentre cerca de 150 adjetivos analisados) foi constatada a conversão plena. Tal fato contrasta com os resultados verificados através da pesquisa realizada em Basilio (1981), na qual se constata que o uso de substantivos agentivos em –dor e –nte como adjetivos é precário, ou seja, é característica geral de substantivos, de tal sorte que é mais adequado descrevê-lo mediante regras de extensão de base.

A explicação lexicalista para o fenômeno da substantivação precária está no fato de que em casos como o de (12), o adjetivo ocorre como substantivo apenas “superficialmente”, isto é, não é realmente uma entrada lexical gerada como substantivo no interior do sintagma. Conclui-se, portanto, que a

possibilidade de ocorrência de adjetivos referentes a substantivos implícitos é comum a todos os substantivos.

Uma possibilidade de uso de adjetivos referentes a seres humanos em aparente posição substantiva tem relação com sua ocorrência em contextos genéricos. Assim, no exemplo

- (14) Os *incomodados* que se mudem.

incomodados ocorre em posição substantiva no sintagma preposicional e denota todos os indivíduos caracterizados pela propriedade expressa pelo adjetivo, ou seja, todos aqueles que são dominados por aborrecimento ou irritação. Entretanto, adjetivos substantivados em contextos genéricos apresentam propriedades próprias que os distinguem dos casos de substantivação plena.

Dentre as características dos adjetivos substantivados em contextos genéricos está sua utilização mais frequente no plural. Adjetivos substantivados também podem ser utilizados no singular, mas mesmo nesses casos é mantida a interpretação genérica, não havendo alteração no significado. Não há, portanto, distinção entre plural e singular nos casos relativos ao uso genérico dos adjetivos substantivados: ambas as possibilidades de ocorrência denotam todos os indivíduos que tenham a propriedade ligada ao adjetivo, conforme podemos observar nos exemplos a seguir:

- (15) Bem-aventurados os humilhados porque deles é o reino dos céus.
 Bem-aventurado o humilhado porque dele é o reino dos céus.
 Consolai os desalentados.
 Consolai o desalentado.

Além da ausência da distinção semântica entre plural e singular, não existe a possibilidade de flexão de gênero nos adjetivos substantivados em contexto genérico, de maneira que nessas construções só faz sentido o uso das formas masculinas:

- (16) ? Bem-aventuradas as humilhadas porque delas é o reino dos céus.
 ? Consolai a desalentada.

A ocorrência de adjetivos substantivados em contextos genéricos é geral, ao contrário do que acontece nos casos de substantivos plenos formados por conversão, cuja incidência é mais restrita. Assim, adjetivos substantivados em contextos genéricos, tal como o caso visto no exemplo (15), são tidos como substantivos precários, na medida em que não apresentam todas as características típicas de substantivo.

O pequeno número de adjetivos referentes a seres humanos com propriedade de conversão plena para substantivos pode ser, no entanto, sistematizado com respeito à sua composição semântica, pelo menos parcialmente. Dentre os adjetivos que funcionam normalmente como substantivos plenos, Basilio identifica grupos correspondentes a deficiências (surdo, cego, mudo, etc.), assim como adjetivos referentes à religiosidade (santo, beato, religioso, etc.).

No tocante aos adjetivos referentes a entidades não-humanas, o grau de previsibilidade é consideravelmente menor, de maneira que é impossível depreender o significado do substantivo formado por conversão a partir do significado do adjetivo. Alguns exemplos dessas formações são o substantivo *doce*, que denota um tipo específico de guloseima que tem açúcar ou outro tipo de adoçante em sua composição (mas que, no entanto, não denota qualquer substância que tenha a propriedade de doçura); e o substantivo *expresso*, que pode denotar um tipo de transporte coletivo caracterizado por fazer poucas ou nenhuma paradas até atingir seu ponto de chegada, ou, pode, até mesmo, denominar um tipo de café extraído em máquina profissional.